

De Marabitanas ao Apaporis

Um diário de viagem inédito no Noroeste Amazônico

Introdução

O documento aqui transcrito, um relato de viagem feito em 1924, diz respeito, principalmente, às regiões situadas às margens dos rios Tiquié e Apaporis, como também ao divisor de águas entre as nascentes desses rios, situadas exatamente na fronteira do Brasil com a Colômbia. Em janeiro de 1996, em São Gabriel da Cachoeira, no alto rio Negro, pudemos ter acesso e consultar o arquivo existente na sede da Diocese local, onde há documentos importantes para a história daquela região desde o século XIX¹. Ali encontramos por acaso, em meio a grossa papelada, um caderno escrito inteiramente a lápis, datado de 1924, no qual o Sr. Alcides da Rocha redigiu o relatório da viagem que empreendeu naquele mesmo ano, desde a povoação de Marabitanas, no alto rio Negro, subindo os rios Uaupés e Tiquié, até as suas nascentes e depois a pé até o rio Apaporis, afluente esquerdo do rio Japurá, já em território colombiano.

Verificamos que tal relatório havia sido entregue pelo autor ao padre salesiano D. João Marchesi. Este mesmo relatório, com uma carta, foi transcrito posteriormente a máquina, pois que assim o encontramos, em seguida, numa outra pasta. Comparando os dois textos, verificamos e confirmamos a integridade da cópia, a partir da qual fizemos a transcrição.

A região percorrida é de ocupação imemorial de povos indígenas das famílias linguísticas Tukano, Maku e Aruak, que possuem povoações, aldeias ou malocas em ambos os lados da fronteira. Dentro do contexto maior do Noroeste Amazônico, esta sub-área é majoritariamente de grupos de fala Tukano e Maku, havendo apenas um grupo Aruak, os Kabiaryi, e um grupo Carib, os Carijona, ambos em território colombiano. Excetuando-se os Maku, todos estes índios são ribeirinhos e sedentários, sobrevivendo basicamente da agricultura da mandioca e da pesca. Já os Maku se

caracterizam pelo habitat interfluvial e pela grande mobilidade espacial de seus grupos locais, em função da grande importância que dão à caça e à coleta.

Para esses índios, as últimas décadas do século XIX e o início do século XX representaram, como em várias outras regiões da Amazônia, um inferno decorrente do período de apogeu da exploração da borracha². Há que se notar, entretanto, que o rio Negro se caracterizou, nesse período, por ser uma região periférica na produção gomífera, embora esta tenha tido um impacto local significativo em relação ao uso da mão-de-obra indígena, compulsoriamente capturada pelos comerciantes. Além disso, a borracha não foi jamais um produto único, a região tendo historicamente um vasto repertório de produtos extrativos que eram demandados pelo mercado: chicle, balata, piaçava, puxuri, entre outros. Isto significa que o trabalho extrativo dos índios era variado espacialmente, dependendo de razões ecológicas de localização de certas espécies, sendo o rio Tiquié a principal região percorrida pelo nosso viajante, fornecedor de borracha e balata.

Essa variação também tem implicações sociais, pois que grupos indígenas distintos ocupam diferentes bacias hidrográficas e muitos foram forçados a uma migração que seguia as orientações ecológicas, mercadológicas e de “filiação” aos “patrões” (cf. Meira, 1993). Esses aspectos são importantes para se compreender o contexto histórico em que se deu a viagem descrita pelo Sr. Alcides da Rocha, havendo a necessidade de se recuar um pouco na história do século XIX. Vejamos.

No final do século XIX, após um longo período que remonta a dois séculos de contatos diretos com missionários, militares e comerciantes, basicamente caracterizado pelo tráfico de escravos e comércio extrativo, muitos daqueles povos, como última alternativa contra a escravidão, se refugiaram em locais os mais inacessíveis aos brancos, nos igarapés, à montante de fortes cachoeiras. T. Koch-Grünberg ([1909] 1995: 253 e 267) registra, por exemplo, umas histórias a ele relatadas por dois índios

1 O acesso ao arquivo da Diocese de São Gabriel da Cachoeira só foi possível graças à aprovação do Bispo, Dom Walter Ivan de Azevedo, interessado em estimular o conhecimento histórico da região, a quem registramos nossos agradecimentos.

2 O caso dos índios do rio Putumayo, na Colômbia, escravizados pelo famoso comerciante Araña, é paradigmático, embora não tenha sido o único (cf. Taussig,...)

Tukano habitantes do rio Tiquié, em 1905, que remontam aos anos 1880 e demonstram tais aspectos:

“Fuimos recibidos por un obeso hombre de edad llamado Marco, que nos acogió con amabilidad y al momento se sentó a mi lado contándome en lingua geral, que dominaba perfectamente, toda su historia y milagros. Su difunto padre habia sido tuschaua de Taracuá, una gran población, ya extinta, de los Tukano, y una antigua misión, situada un poco más arriba de la desembocadura del Tiquié3, sobre la margen derecha del Caiarý [Uaupés]. En lo que a él se refería, había tenido una gran Maloka en Cururú, sobre el bajo Tiquié, pero, un día, había llegado el antiguo superintendente de São Gabriel con sus malvados “surára” [soldados em Lingua Geral] y le habían prendido fuego a su linda maloka y a todos sus enseres domésticos maltratando a todos los habitantes. Me mostró una cicatriz que tenía sobre el labio superior, donde lo habian herido de un sablazo. Su mujer tenía una cicatriz similar en una mano. Marco salió huyendo con los suyos hacia el lago Urubú para buscar la protección de los mirití-tapuyo, dueños de esta nueva maloka. Él vivía con sus hijos mayores y las familias de éstos detrás de la maloka, apretados como sardinas en unas chozas improvisadas como las que había visto en Cururú-cuára, en el Aiary.” (...)

“El 2 de abril llegamos a un caño más ancho, en el que nos cruzamos con un indio ya de edad que venía en una canoa con dos muchachos. Era el tuschaua de la antigua misión tukano, situada en la cachoeira del mismo nombre en el Tiquié medio, quién ahora se habia construido una maloka sobre la margen derecha, un poco más abajo de la antigua ubicación. Allí pasamos la noche. El tuschaua Joaquim era un hombre apuesto y delgado, de nariz aguilena y ojos vivos e inteligentes, que estaba bien informado acerca de mi identidad; hasta sabía que yo era el “Dotoro Ko”. (...) Me relató más historias horrendas acerca del temible y vil comandante y sus salvajes soldados. Habia tenido una experiencia similar a la del tuschaua Marco del lago Urubú. Habían saqueado y quemado su hermoso caserío, densamente poblado. Los miembros de su grupo se habían dispersado en todas direcciones por temor a los soldados. Ahora él se había establecido aquí con unos pocos hombres, pero los sembrados eran muy recientes y la producción escasa. Faltaban mujeres para procesar la mandioca y preparar los beijús y la farinha. También su “patente de tuschaua”, que en otro tiempo le confiriera el “Pai Venâncio” [Fr. Venâncio Zilochi, franciscano italiano], se había quemado en el incendio. Se refería con mucho respeto y cariño al P. Venâncio, director de la Misión del Tiquié durante los años ochenta de

3 Taracuá, antiga maloca Tukano, foi sede da Missão Franciscana ali estabelecida nos anos 1880. Os Franciscanos foram expulsos da região poucos anos depois, sendo esta Missão reconstruída pelos Salesianos em 1924.

siglo pasado, y me preguntó si yo podría encargarme de conseguir que nombraran otro Pai para el Tiquié.”

No período de viagem do etnógrafo alemão entre 1903-1905, a situação dos índios em relação aos comerciantes parecia ter chegado ao ápice da violência. Em vários momentos de seu relato de viagem faz referências às malocas abandonadas no rio Uaupés ou Tiquié devido ao temor dos índios em relação aos brancos. Indica, por exemplo, que um dia, no rio Uaupés, “pasamos por algunas otras casas de tariána, abandonadas por sus habitantes por miedo a los blancos. Hacia el anochecer llegamos a la maloka tariána Tamanduá, en la orilla derecha. La encontramos ocupada por una de las bandas, bajo la dirección de un armenio de mala fama, quien ya había jugado un terrible papel en la ‘expedición de castigo’ contra los índios del Tiquié. El primer hombre que vimos en el puerto fue Albino, quien se dio la vuelta tímidamente cuando nos reconoció. Yo renuncié a tratos con esa gente y, a pesar de una invitación, sólo atracamos en el puerto de arriba, donde acampamos en la noche clara y fría.” (op.cit.: 25)

Dois anos após a viagem de Koch-Grünberg, em 1907, Tenreiro Aranha publicava em Manaus, na *Revista do Archivo do Amazonas* um texto baseado em documentos da Diretoria e Missões de índios, em que indicava os vários aspectos das relações entre brancos e índios no rio Negro na segunda metade do século XIX, fatos que comprovam os relatos indígenas acima indicados. Assim refere-se Tenreiro Aranha:

“Em 1º lugar aos excessos e abusos de autoridades continuamente praticados nas diligências incumbidas pelos commandantes da fronteira do Cucuhi [Cucui] dos fortes de S. Gabriel e Marabitanas, e dos destacamentos militares do Içana, Ipanoré [Ipanoré], Ichié [Xié] e Chibarú, e manifestados com mais vexame ainda, quando executada ou pelo commandante de companhia do corpo de Trabalhadores de S. Gabriel, com o fim de recrutar índios para o serviço público, nas obras da capital, e das fortificações das províncias, pelo subdelegado de polícia do districto, ou pelo inspector de qualquer um de seus quarteiros para equipagem de canoas do correio ou do expresso militar.

2º As deshumanas caçadas effectuadas pelos subdelegados de policia de qualquer districto ou pelo inspector de quartirão respectivo, em comissão de recrutador de menores para aprendizes marinheiros, degeneradas estas em violentas pega-pegas de curumis e cunhantãs

dentro do próprio domicílio, e nas povoações, para dá-los de presente, como chirimbabos, aos potentados das capitães do Amazonas, Pará e do Império.

3º A immoral e criminosa pratica do regatão de levar de sítio em sítio, com fins ilícitos mercantis ao meio social, ainda que bárbaro, mesmo selvagem, do índio, que nem ao menos falava o nhengatu, de envolto com suas mercadorias o vício de embriaguez, a prostituição, os crimes de furto, roubo, homicídio e de reduzir pessoas livres à escravidão, comprando do pai, a troco das mesmas mercadorias, filhos e filhas; do marido a mulher e do tuchaua os desnaturados pais e desbriados maridos, para os vender depois aos seringueiros e pescadores de pirarucu, peixe boi e tartaruga, à moeda corrente.

4º A prevaricação inaudita do director ou do missionário, salvando as honrosas excepções que locupleta-se dos brindes remetidos pelo governo, para serem gratuitamente distribuidos aos índios, com a permuta que, em seu próprio interesse, faz delles por salsa, cupaiba, piassaba, puchuri, borracha, caoutchouc, breu, baunilha, carajurú, farinha, cumarú, tucum em ramas, fio e redes, curahuá em rama, etc.

5º Ao seringueiro, do baixo Rio Negro, que interna-se nas vastas bacias do Uaupés e Içana, remonta suas cachoeiras, devassa suas florestas, assalta casa a casa dos seus índios, e viola o lar de cada uma das famílias destes, para seduzir com fementidas promessas de lucros vantajosos o dono da casa, o irmão, o sobrinho, cunhado e filho, fiando mercadorias á elles, ás suas mulheres, ás filhas, irmãs, cunhadas e sobrinhas.”

Oswaldo Cruz, o célebre sanitaria brasileiro, num relatório que escreveu sobre a situação médico-sanitária do vale do Amazonas (1913: 106), reporta-se à situação do trabalho indígena nos seringais do Rio Negro, que visitou no início do século, da seguinte forma:

“Os trabalhadores de seringais neste barracão são quase todos índios, de diversas tribos. Apresentam-se aqui, como em todo o Rio Negro, numa condição física e moral das mais precárias, sendo os homens de estatura pequena, de constituição pouco robusta e de aspecto geral pouco simpático. As mulheres são extremamente feias [sic], muito precocemente envelhecidas, ou melhor, trazendo desde a mocidade estigmas da velhice. Predomina em ambos os sexos a mais extrema indolência. Só trabalham forçados pelo proprietário e o fazem sem qualquer ambição de fortuna, visando exclusivamente à própria manutenção, contentando-se com pequenas dádivas de roupas, aguardente etc. Pelo que, dada essa inferioridade nos indivíduos dessa raça [sic], são eles muito explorados aí pelo branco, tendo no Rio

Negro, mais do que em qualquer outro, a exata impressão de escravidão.” (grifo nosso)

Descontado o etnocentrismo inerente à “antropologia” da época (caráter pouco simpático dos índios, indolência, feiura das índias), o relato de Oswaldo Cruz fornece informações importantes sobre a violência contra as populações nativas, indicando também a frequência da migração forçada de índios oriundos do alto para o médio e baixo Rio Negro, pois afirma que “quando os proprietários de seringais do Rio Negro têm necessidade de novos fregueses vão procurá-los muitas vezes além de S. Gabriel, no Rio Caiari [Uaupés], muito habitado, e além, nos limites com a Venezuela” (*ibid*).

Nesse período final do século XIX e início do século XX, o comerciante mais poderoso do rio Uaupés foi Manoel Antonio de Albuquerque, um mestiço nascido ali mesmo naquele rio, que chegou a ser nomeado o “Diretor dos Índios dos rios Uaupés, Içana e Xié”. Era conhecido na região pelo apelido de “Manduca”. Como veremos adiante, seus atos de violência foram tão marcantes que até hoje estão vivos na memória coletiva dos índios do rio Negro.

É interessante notar que o período em questão coincide com as informações orais fornecidas por índios de fala Tukano e Maku a respeito da mudança de várias malocas Tukano para os espaços interfluviais, em pleno território Maku, no intuito de escapar à violência dos brancos (Cf. Reid, 1979; Pozzobon, 1992). É possível que seja esse o período em que os Maku adotaram a prática da agricultura da mandioca, pois das informações dos mais velhos depreende-se que há quatro ou cinco gerações atrás eles eram tão somente caçadores-coletores, tendo aprendido a plantar com os Tukano. Isso mostra o quanto a violência do ciclo da berracha ao final do século XIX alterou a antiga ordenação sócio-espacial na região do Noroeste Amazônico. Há notícias inclusive de caça a escravos Maku praticadas pelos índios ribeirinhos, com o fito de vendê-los a comerciantes e seringueiros, conforme se pode constatar num documento do capuchinho Frei Venâncio Zilocchi, datado de 5 de dezembro de 1882, no qual o missionário nomeia “tuxáua da Missão de Pari-Cachoeira” o índio Tukano João Silgueira, prescrevendo-lhe as seguintes obrigações (*apud* Brüzzi Alves da Silva, 1962: 463-4):

“1.º — Cuidar da Capella e casa do Missionário

- 2.º — Obrigar aos moradores da dita Missão, a que acabem as casas principiadas, mesmo a fazer aquellas que não há tem feitas.
- 3.º — Arruar, na construção das casas, a Missão.
- 4.º — Cada 3 meses, mandar (se o Pe. Missionário não está presente) um morador de cá donde acha-se o Padre para noticiar os obitos, nascimentos e as novidades habidas nos ditos tres meses.
- 5.º — Obrigar a todos fazerem suas roças para o proprio mantenimiento, e para prover-se das suas necessidades.
- 6.º — Proibir absolutamente a venda dos indigenas Macú, como também impedir de modo que poder as assim ditas pega-pega.
- 7.º — Finalmente, em caso de necessidade, dar gente para o serviço publico, é dizer, quando chega o Missionário, tem que dar a gente que ele quer, para seu transito.” (grifo nosso)

Ignoramos o paradeiro deste valioso documento. Mas ele é mencionado por duas fontes importantes para a etnografia e a etno-história do Rio Negro: Koch-Grünberg (1906: 878), que o encontrou em 1904 nas mãos do filho do primeiro tuxáua, e o salesiano Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, que o encontrou em 1954 em poder do bisneto do primeiro tuxáua e que o transcreveu conforme se vê acima. Duas considerações podem ser feitas a partir do documento: em primeiro lugar, ele atesta a profunda ingerência da empresa colonial (entendida aqui em sentido amplo, incluindo, portanto, as atividades missionárias) sobre a sociedade indígena rio-negrina já no século XIX; em segundo lugar, o teor do documento torna plausível a hipótese de que as relações hierárquicas entre os Tukano e os Maku, em que estes são descritos pelos primeiros como seus “escravos”, tenham assumido essa feição devido ao jugo em que os índios como um todo eram mantidos pelo colonizador, o comerciante e o seringueiro.

Na região do rio Tiquié, em função da queda dos preços internacionais, a partir dos anos 1910, há um forte declínio na extração da borracha, que é paulatinamente substituída pela balata, menos importante do ponto de vista econômico mas a única forma vista pelos comerciantes de evitar a total decadência de seus comércios na região. Nesse sentido, para os comerciantes e militares, o período situado entre 1910 e 1930, pode ser considerado naquela região como uma transição importante, que significou um recuo do poder total e absoluto que estes tiveram ao longo da segunda metade do século XIX, em que os índios viviam em grande parte sob o seu controle e escravidão. Nesta nova situação, a decadência econômica reduziu

o fôlego dos comerciantes e conseqüentemente permitiu aos índios uma certa calma.

Nesse período, na região do alto rio Negro, com ênfase na bacia do rio Uaupés, entraram em cena novos personagens: os missionários salesianos. Dando início ao seu trabalho apostólico em 1914, em São Gabriel da Cachoeira, alguns missionários empreenderam viagens ao rio Tiquié, dando-se conta, com o passar dos anos, da forte opressão dos comerciantes sobre os índios. As primeiras viagens missionárias, entretanto, contaram com o apoio integral dos comerciantes, como podemos atestar pelo relato do Monsenhor Lourenço Maria Giordano quando da sua chegada na morada dos Albuquerque em 1918 (1979: 74 ss.):

“Eis os primeiros raios de sol nascendo em Bela Vista e seus arredores. A acolhida feita a este pobre salesiano pelo senhor Manoel Antonio de Albuquerque e sua família e o delegado dos índios do Caiari, numerosos empregados e pessoas que se reuniram foi cordialíssima e com uma certa solenidade. Em uma sala foi improvisado um altar, celebrei a Santa Missa perante um numeroso auditório. (...) Ao almoço, o Senhor Manduca Albuquerque saudou o novo Prefeito Apostólico com um caloroso brinde e se declarou feliz em prestar seu trabalho à Missão Salesiana naquela região. Também o Senhor Moreira, português, um dos funcionários ativos da casa Albuquerque, saudou o Missionário em nome dos colegas, afirmando a adesão de todos os colegas à idéia de seu patrão à obra em favor dos salesianos. Respondi comovido, augurando o bem à obra civilizadora dos indígenas e à prosperidade de Bela Vista, que será o ponto de apoio para a Missão, que estava inaugurando”.

Os salesianos logo saberiam que o entusiasmo apostólico inicial do Sr. Manduca Albuquerque e demais comerciantes era uma forma de disfarçar a opressão e a exploração que praticavam sobre os índios seus “fregueses”. Porém, mesmo que quisessem livrar os nativos de tal jugo, os missionários se viam constantemente obrigados a recorrer aos préstimos dos comerciantes, dado que os mesmos eram os únicos a fornecer transporte (fluvial) para os facões, os machados, as sementes e outros tantos insumos necessários ao pastoreio das almas.

Em 1924, ano da viagem aqui enfocada, foi fundada a Missão de Taracuí, no rio Uaupés, próxima à foz do rio Tiquié, a partir da qual a presença salesiana se intensificou neste rio. Documentos desse período demonstram claramente que a

presença missionária, somada à perda do poderio dos comerciantes, levou a que os índios imediatamente tomassem os padres como seus aliados:

“A missão [de Taracuí] hospedava de tanto em tanto comerciantes em viagem para a Colômbia, fornecia-lhes remédios gratuitos. A Missão interviu várias vezes para impedir [ilegível] e maus tratos aos índios e os recebia fugitivos, amparando-os e defendendo-os contra os civilizados. Muitas vezes vinham civilizados para tirar índios devedores dos nossos trabalhos, mas sempre nos opomos e alcançamos o respeito para com a Missão e para com a liberdade dos índios. Esta ação dos missionários em favor dos índios foi o que lhes valeu para ter a simpatia e a docilidade dos índios” (ADSG-CT-1924)

Muitos relatos dos salesianos demonstram, entretanto, que na década de 1920 o poderio dos comerciantes ainda persistia, tendo ocasionado vários conflitos entre eles e os religiosos. Esses documentos revelam também, além do fato, acima indicado, da estratégia indígena de procurar a proteção dos missionários, a artimanha destes em aproveitarem a situação para melhor “amparar” os índios “debaixo da proteção da Missão”. Vejamos um relato bastante revelador desse processo:

“Não posso deixar de gravar aqui umas lutas que tivemos que travar com os chamados civilizados - nacionais e estrangeiros. Os colombianos desciam com seus produtos até Santa Izabel e subiam à Colômbia com seus batelões carregados de mercadorias. A maior parte dos tripulantes eram tirados das malocas do Brasil à força, ameaçando-os com as armas. Estes levavam também com violência mulheres e crianças. Os recursos para viagem como comidas, farinha, frutas, eram tirados dos Índios, sem pagá-los ou com pagamentos irrisórios. A passagem desses piratas produziu nos índios verdadeiro pavor, de maneira que quando se aproximavam das malocas, fugiam, deixando a maloca deserta. Então aproveitavam da noite para realizar suas façanhas; às vezes corrompiam com bebidas os tuchauas e quando estes bêbados cumpriam na maloca o que queriam. A Missão, sem autoridade, se achou adiante desses miseráveis; começou a intervir, exigindo a liberdade dos índios embarcados à força; apresentaram os missionários protestos contra essas barbaridades, ameaças de comunicar isto às autoridades superiores e em muitos casos obtinham êxito feliz.”

“No baixo Uaupés vivia a Família Albuquerque. Eram vários irmãos que dominavam todo o Uaupés e afluentes. Por meio de empregados recolhiam os índios que destinavam aos trabalhos da borracha, da balata e até os passavam a comerciantes do rio Negro, recebendo gratificações, ou uma porcentagem do produto que alcançassem. A moradia dos ditos Albuquerques era cheia de meninos, moças e rapazes, que serviam a seus senhores coagidos.” (Referência)

Comparando-se os três últimos documentos citados, tem-se a impressão de que houve uma certa mudança na atitude dos salesianos frente aos comerciantes: de um período de coexistência cordial, em que os missionários desconheciam os abusos dos “civilizados” e os descreviam como prestativos e simpáticos à catequese (entre 1914 e 1918), passa-se a um período de duras críticas e conflitos (de 1920 em diante). Porém os missionários não deixam de hospedar os comerciantes e fornecer-lhes remédios de graça, conforme se viu acima.

Para interpretar corretamente essa atitude um tanto ambígua não basta apenas lembrar que o espírito cristão dos religiosos talvez os impedisse de negar pousada ou cuidados médicos aos comerciantes. É preciso acrescentar que existe até hoje uma certa complementaridade entre a missão e o comércio local: os missionários chegam aos lugares mais recônditos, criando entre os índios uma demanda por mercadorias que eles mesmos, missionários, não são capazes de satisfazer; logo aparecem comerciantes prontos a satisfazer essa demanda, desde que os índios se submetam a condições quase escravistas de trabalho; a seguir, os missionários se apresentam protetores, mas não deixam de recorrer aos comerciantes quando se trata de obter as mercadorias que garantem a adesão indígena à cristandade.

Essa complementaridade assume a forma de um atroz dilema para os índios: ou estes se submetem aos comerciantes e vêem profundamente alterado o seu cotidiano, tendo que abandonar a horticultura, a caça e a pesca em prol das atividades extrativistas, ou se submetem à proteção dos padres, o que significa abandonar as práticas rituais tradicionais e demolir as antigas malocas, substituindo-as por casas unifamiliares “arruadas” em torno de uma capela.

Essas cenas cambiantes, ambíguas, em que o civilizador veste amiúde o capuz do algoz, em que o salvador impõe a nova fé a troco das mesmas mercadorias que aparenta escorraçar do templo, são características inerentes à empresa colonial e se refletem tanto na praxis quanto na personalidade dos atores envolvidos. O narrador do relato que se segue não é nenhuma exceção. Antigo delegado do SPI, demitido aparentemente por deixar saberem que redigia um relatório contendo “verdades amargas”, mostra-se ressentido com a demissão e acusa o superior em Manaus de não conhecer os “verdadeiros selvagens”. Escreve ele:

“É representante desta Instituição [SPI] neste Estado, o Exmo. Senhor Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, chefe este que aposto nunca ter chegado a conhecer um verdadeiro Índio Selvagem e que muito menos terá uma vaga idéia da sua vida acidentada. Nem por isso os jornais deixam de reservar quase diariamente uma coluna de honra para enaltecer o zelo e abnegação que este Snr. emprega no bem estar dos silvícolas.”

Depois de demitido, torna-se ele mesmo um comerciante, mas não deixa de pintar seus pares em tons um tanto negativos, embora reconheça seus méritos de “amançadores de índios”:

“Acrescento mais que no Amazonas já existem algumas tribos de índios mansos não civilizados, e isto se deve exclusivamente aos comerciantes do interior que em grande número têm sido sacrificados nas mãos dos selvagens; convêm também acrescentar, que estes esforços que os comerciantes têm empregado, não tem sido por nenhum patriotismo, mas sim em prol dos seus interesses e nada mais.”

Por fim, dirige o relatório aos aparentes opositores dos comerciantes, isto é, os missionários, na esperança de que estes substituam o SPI na tarefa levar aos índios “por meios brandos e suasórios um certo termo de civilização”. Com efeito, nas entrelinhas do relato que se segue, há uma curiosa mistura de ingredientes positivistas e apostólicos, sem que o autor, aparentemente, se dê conta. Mas não se atribua isso ao iletrismo que graça atualmente entre os funcionários do órgão indigenista oficial. Do estilo de sua escrita, depreende-se que nosso autor é razoavelmente instruído. Por exemplo, refere-se ao espanhol como “língua de Cervantes”. Descreve índios com rebuscamentos tais como “O rosto é irrepreensivelmente bem feito, adornado de um nariz que despertaria a curiosidade ao mais fino escultor.” Portanto, não se trata do tipo despreparado e um tanto brutal que normalmente vem a ser o pioneiro no contato com os índios. Se ele mistura o patriotismo positivista ao zelo apostólico, não é por ignorância, mas porque nas colônias tudo se amestixa, inclusive as idéias.

Relatório do Snr. Alcides da Rocha
Marabitanas, 25 de julho de 1924
Ao Exmo Revdo P^e João Marchesi⁴

4 Na transcrição dos documentos a seguir, o português foi atualizado, mantendo-se porém a integridade do conteúdo original do texto.

Minhas respeitossíssimas saudações,

Esta carta há mais de um mês que a tenho escrita, porém só agora faço-a chegar às vossas mãos, isto por ter tido uma certa dúvida, uma certa ocorrência que nela vai contida e que tem por objeto fornecer ao meu Rvdo. P^e e amigo algumas informações de minha última viagem realizada de janeiro a maio, a partir de Marabitanas do Alto Rio Negro, tendo por termo o Alto Apaporis, confluente do caudaloso Amazonas, no território Colombiano, em cujo trajeto percorri as tribos indígenas seguintes: Tucanos⁵, Deçanos⁶, Miriti-Tapuios⁷, Mayapiçás, Irarys,⁸ Barrigudos⁹, Tuiucas¹⁰, Barás¹¹, Erurias¹², Mirá-Pireras, Bóia-Ruás, Jupatys,¹³ Gararatannas¹⁴, Tauiryys¹⁵, Tanimbócas,¹⁶ Samambaias¹⁷, Carijonas¹⁸ e

5 São os Dahséa ou Tukano propriamente ditos, um subgrupo da família linguística Tukano, cujos habitantes vivem atualmente nas margens dos rios Papuri, Tiquié, Uaupés e Negro, em várias povoações, como também na cidade de São Gabriel da Cachoeira e na comunidade Balaio, situada na estrada que interliga esta cidade com Cucuf, na fronteira do Brasil com a Venezuela.

6 São os Desana, também um subgrupo da família linguística Tukano, cujos habitantes vivem atualmente nos rios Papuri, Tiquié, Uaupés e Negro, como também na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

7 Os Miriti-tapuios são um dos subgrupos Tukano. Vivem no alto Rio Tiquié e também no alto Piraparaná, afluente do Rio Apaporis, na Colômbia. Alguns indivíduos se encontram em território brasileiro, na região de Pari-Cachoeira.

8 Não encontramos referências aos Mayapiçás e Irarys na literatura etnográfica do Noroeste Amazônico. Mais adiante, neste relato, o autor se refere aos Ayapiçás (sic) e Irarys como habitantes dos centros, longe das margens dos rios, e não catequizados. A informação favorece a hipótese de que sejam heterônimos dados aos Maku. No entanto, o Mapa Etno-histórico de Kurt Nimuendajú (Cf. IBGE, 1981: 61) faz referência aos Piçá-Tapuyo, subgrupo Tukano habitante das nascentes do Rio Papuri, bem como aos Ira-Tapuyo, subgrupo Aruak habitante do alto Içana. De qualquer forma, é comum que alguns desses etnônimos derivem de nomes clânicos alçados ao nível da etnia inteira pelos povos vizinhos ou de designações restritas a uma microrregião, de modo que nem sempre é possível identificar o povo indígena referido.

9 Os Barrigudos são, provavelmente, um clã Makuna (informação pessoal de Aluísio Cabalzar).

10 Os Tuyuka são um subgrupo da família linguística Tukano. Vivem atualmente no alto rio Tiquié e também no alto Papuri, tanto do lado brasileiro quanto colombiano. Alguns indivíduos Tuyuca podem ser encontrados em povoados do rio Negro e em São Gabriel da Cachoeira.

11 Os Bará são também um subgrupo da família linguística Tukano, habitantes do alto rio Tiquié, principalmente do lado colombiano da fronteira.

12 Os Erurias aqui referidos são os Taiwano, outro subgrupo da família linguística Tukano, habitantes do rio Pira-paraná, afluente superior esquerdo do rio Apaporis.

13 Não encontramos referência aos Mirá-Pireras, Bóia-Ruás e Jupatis na literatura do Noroeste Amazônico. É possível que sejam casos de nomes clânicos convertidos em etnônimos ou de designações microregionais (veja nota 8, acima).

14 Os Gararatannas (Zarabatana) são um clã dos Maku Yuhup, cuja denominação na língua é *Tshabakuydá*. Atualmente este clã vive no Igarapé Espinho, afluente direito do rio Traíra, em território Colombiano.

15 Os Tauiryys aqui referidos são os Kabiari, um grupo de fala Arawak que vive atualmente nas margens do rio Cananari, um afluente superior esquerdo do rio Apaporis, cuja foz está à montante do Pira-paraná. As nascentes do Cananari e do Pira-paraná, entretanto, são bastante próximas, ambos os rios situados integralmente em território colombiano.

Androks¹⁹, de cujas tribos tenho as mais gratas recordações, assim como tive ao vê-las e tratá-las a mais dolorosa impressão pelo estado de abandono em que se encontram. Aos seus respectivos governos pouco custaria levar a efeito a catequese dessas infelizes tribos na maioria nossas patricias, levando-lhes por meios brandos e suasórios um certo termo de civilização.

No entretanto há uma Instituição de Serviço de Proteção aos Índios, da qual já fui delegado no Distrito de Marabitanas durante dois anos, cargo este, do qual fui destituído a pedido de alguns, por saber que eu estava elaborando um relatório minucioso, que tenho arquivado, e no qual dizia verdades amargas. É representante desta Instituição neste Estado, o Exmo. Senhor Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, chefe este que aposto nunca ter chegado a conhecer um verdadeiro Índio Selvagem e que muito menos terá uma vaga idéia da sua vida acidentada. Nem por isso os jornais deixam de reservar quase diariamente uma coluna de honra para enaltecer o zelo e abnegação que este Snr. emprega no bem estar dos silvícolas.

Os postos de catequese só têm sido até agora distribuídos em lugares onde os índios já convivem com o elemento branco, estando portanto já civilizados. Os Delegados desses lugares, como os do Rio Branco, percebem do Governo avultados vencimentos e têm de mais a mais fornecimento de mercadorias úteis em grande quantidade, especialmente de ferramentas para agricultura, afim de serem distribuídas pelos índios, ao passo que os Delegados do Alto Rio Negro e seus afluentes nunca tiveram o maior auxílio, tornando-se deste modo impossível prestarem qualquer auxílio aos índios, os quais na sua maioria ainda trabalham em seus roçados com as ferramentas as mais primitivas que se pode imaginar; e falando-se geralmente, ainda há pontos no Amazonas em que parte de uma tribo de índios (índios Janás, que

16 Os Tanimboca, Tanimbuca (Cf. Brūzzi Alves da Silva, 1962: 53) ou Tanimuca (Cf. Melatti, 1997: 120), também conhecidos como Opaina (Cf. Mapa Etno-histórico de Niuendajú, IBGE, 1981: 59), são um subgrupo Tukano que habita o Rio Apapóris, abaixo da foz do Piraparaná.

17 Mais um provável caso de nome clânico convertido em etnônimo ou de designação microregional. Veja nota 8, acima.

18 Os Carijona ou Karihona são um povo indígena de fala Karib que habita as nascentes do Rio Apapóris, na Colômbia.

19 Mais um provável caso de nome clânico convertido em etnônimo ou de designação microregional. Veja nota 8, acima.

habitam a margem direita do Rio Japurá em Igarapés Centrais) que ainda derrubam suas roças com machados de pedra.²⁰

Acrescento mais que no Amazonas já existem algumas tribos de índios mansos não civilizados, e isto se deve exclusivamente aos comerciantes do interior que em grande número têm sido sacrificados nas mãos dos selvagens; convêm também acrescentar, que estes esforços que os comerciantes têm empregado, não tem sido por nenhum patriotismo, mas sim em prol dos seus interesses e nada mais. Terminando esta carta só tenho a pedir ao meu Rvdo. P^e e amigo a sua indulgência para os erros nela contidos e pelos que irão continuar na rude descrição a seguir.

Impressões de Viagem

Parti de Marabitanas em companhia dos Snrs. Hygino Albuquerque²¹, Antônio Abrahão Ascar, Floriano Albuquerque²² e Lúcio Delgado, no dia 8 de janeiro, viajando na Lancha Camanáos e Batelão Dois Irmãos, chegando à Bela Vista do Rio Caiary, no dia 10 do mesmo mês, de onde só prosseguimos viagem no dia 14, levando mais como auxiliar a Lancha Pagan, entrando na foz do rio Tiquié no dia 16 e chegando a Pary-Cachoeira²³ no dia 20 pela manhã. Até este ponto passamos as tribos dos Tucanos e Deçanos, que habitam na sua maioria as margens deste rio, assim como os Ayapiças e Irarys que habitam nos centros e que até agora ainda não foram catequizados²⁴; de Pary-Cachoeira regressaram a Lancha Camanáos e o Batelão

²⁰ Referência provável aos índios ainda isolados que moram nas cabeceiras do Rio Purê (ou Puruê), afluente da margem direita do alto Japurá.

²¹ Hygino Albuquerque era irmão do famoso e cruel comerciante Manoel Antonio de Albuquerque, conhecido na região pelo apelido de Manduca. O Povoado de Bela Vista, no baixo rio Uaupés, era o local de moradia da família Albuquerque, que, segundo a tradição oral dos índios da região, foram os grandes “donos” do rio Uaupés no início do século XX. Viajando pelo rio Tiquié nos últimos anos da década de 10, um viajante (MacCreagh, G., apud Hugh-Jones, S. ...) faz referência a um comerciante brasileiro conhecido como o “Rei do Uaupés”, o qual tinha “tornado o rio vermelho como sangue”. Certamente esse comerciante era Manduca Albuquerque, cujas crueldades se relfetem até no imaginário dos índios Maku, os quais, devido ao habitat interfluvial, têm-se mantido bastante afastados do contato com os brancos ao longo dos séculos. Atualmente, a palavra *manduca*, deixou de significar uma pessoa específica para os Maku, passando a significar “branco malvado”. Assim, quando um branco especialmente cruel se apresenta, diz-se dele que *é um manduca*. Em 1989, alguns agentes da Polícia Federal ordenaram aos Maku que queimassem suas minguadas plantações de coca, sob o equivocadíssimo pretexto de que eles estariam fornecendo matéria prima aos laboratórios clandestinos da Colômbia. Amedrontados, os Maku disseram dos policiais que era *uma tribo de manducas*.

²² Floriano Albuquerque, então com 16 anos, era filho de Manoel Antonio de Albuquerque (veja nota 21).

²³ Pary-Cachoeira, no rio Tiquié tornar-se-á posteriormente sede de uma missão salesiana.

²⁴ Veja nota 8, acima.

Dois Irmãos, pois daquele ponto em diante só se pode navegar em pequenas embarcações, por ser a zona cortada por sucessivas cachoeiras, algumas mesmo inexpugnáveis, havendo necessidade de arrastar as embarcações por terra; as mais notáveis são: Caruru, Itá, e Pucú; no entretanto com algum sacrifício passamos a Lancha Pagan até o remanso da Cachoeira do Jabuti (a segunda até ali) onde ficou estacionada. Eram dez as pequenas canoas nas quais prosseguimos a viagem, levando cada uma seu respectivo comandante nomeado pelo chefe (Hygino Albuquerque) da expedição²⁵. Aquelas dez pequenas embarcações, sulcando rio acima, uma após a outra, assemelhavam-se a uma esquadra em miniatura. No dia 22 pernoitamos no Abiú-Igarapé, lugar ainda habitado por índios da tribo Tucano; a 23 passamos Tuica-Pirera e fomos pernoitar em Huá-Igarapé, a 24 passamos Itá e Pucú-Cachoeira. Chegamos pelas 5 hs da tarde no lugar Sarapó, propriedade do Tuxaua João da tribo Tuiuca, que ali tem uma enorme maloca, em que mora com muitas famílias, sendo possuidor de inúmeros escravos da tribo Barrigudos²⁶. No dia da nossa chegada estavam em festa, notando-se a alegria em todos os semblantes. O Tuxaua nos recebeu com a maior deferência, oferecendo-nos caxiri e o imprescindível ipadú (coca de que é extraída a cocaína). Em seguida, tendo eu necessidade de ir a bordo da canoa de

25 O fato de Hygino Albuquerque ser o chefe da expedição indica, como se confirmará mais adiante, que se tratava de uma empreitada de interesse comercial, talvez buscando novas fontes de exploração extrativa e de mão-de-obra indígena. Conforme informações de viajantes (MacCreagh, G., apud Hugh-Jones, S. ...) que estiveram no final da década de 10 nesta região, este foi um período de declínio de exploração da borracha e ascensão da exploração da balata, a qual era mais abundante em território colombiano, o que teria provocado conflitos entre comerciantes brasileiros e colombianos, estes últimos cobrando "impostos" dos primeiros. Este viajante registra também conflitos que teriam havido entre balateiros colombianos e índios Tucano no baixo Tiquié, devido a violências contra mulheres indígenas. Esses registros de conflitos entre índios e comerciantes colombianos perdura pelo menos até a década de 30, como comprovam os testemunhos de McGovern (1927) para o alto Papuri e Pira-paraná e Nimuendaju (1927) para o rio Uaupés brasileiro.

26 Provável clã dos Tuyuka (Veja nota 9, acima). Se assim o for, trata-se certamente de um clã de status muito baixo, posto que seus membros são tidos como escravos. Acrescentemos que os índios ribeirinhos do Noroeste Amazônico, sejam eles Aruak ou Tucano, organizam-se em clãs patrilineares hierarquizados ritualmente segundo as seguintes categorias: chefes, guerreiros, cantores, xamãs e servos. Os Maku são os párias deste sistema, pois estão abaixo dos clãs "servos" dos índios ribeirinhos. Tudo indica que tal hierarquia existisse antes da chegada dos brancos, pois ela se expressa apenas de forma ritual, não tendo qualquer reflexo na divisão do trabalho ou em qualquer outro aspecto da vida cotidiana desses índios. Portanto, o fato de o narrador usar o termo "escravo" não deve fazer supor que índios exploravam outros índios segundo o sistema escravista colonial ou mesmo segundo o célebre sistema do barracão (escravidão por dívida). Porém, a presença do termo "escravo" levanta a suspeita de que na época deste relatório os índios estavam reinterpretação o baixo status ritual de certos segmentos sociais, atribuindo a eles o significado que o termo "escravo" possui para os brancos. Ou seja, convertiam uma hierarquia simbólica em justificativa para a exploração de fato. Talvez os membros dos clãs ribeirinhos de status mais baixo, assim como os Maku, fossem as vítimas

meu comandante, fui surpreendido pela primeira vez por um grupo de oito índios que, em completa nudez e com a maior naturalidade desciam ao porto para tomar banho; esta cena se repetia quase diariamente.

No dia seguinte, depois de feitas as honras da festa do Tuxaua e dele nos ter fornecido um intérprete (Pedro Andorinha) um verdadeiro poliglota, que fala cinco idiomas diversos, prosseguimos viagem; já tendo terminado as cachoeiras²⁷, faltava-nos romper fortes correntezas. O rio dali em diante já se vai tornando mais estreito e os sítios mais raros. Nesse dia pernoitamos em “Andorinha Mística”, no dia seguinte, 26, passamos a bifurcação do Tiquié que segue à esquerda, e à direita há um Igarapé d’água completamente branca a que dão o nome de “Macucú”. Agora já se assemelha o rio a um igarapé que, além de muito impetuoso, tem vedada a sua passagem em inúmeros pontos por enormes paus atravessados, que os índios a muito custo vão decepando a machado para dar ingresso as nossas embarcações.

A 27 pernoitamos em lugar ermo, todos reunidos em um só acampamento; a 29 chegamos à primeira maloca da tribo Bará, onde só encontramos uma velhinha; bem sabíamos que os índios estavam por ali mesmo, mas não quisemos insistir e como a velhinha se mostrasse muito assustada, voltamos ao porto onde pernoitamos²⁸. A 30 chegamos ao termo da nossa viagem marítima, isto é, há ainda uma segunda maloca dos Barás, que se acha edificada a meia hora de viagem da margem do Tiquié, cujo chefe (Tuxaua) tem também, como o do Sarapó, o nome de João. Apesar de um tanto idoso e muito feio [sic] tornou-se-nos simpático pelo carinho com que nos recebeu e os obséquios de que nos cumulou. Neste lugar a que dão o nome de Aracú-Pirera (Pele de Aracu) têm eles uma grande maloca, habitada por umas dez famílias, cujos chefes achavam-se todos reunidos. As Cunhãs-Mucu (mulheres moças) não apareceram; costumam, por ocasião dessas empresas, refugiar-se nas matas, onde já têm para este fim Tapiris (pequenas barracas para refúgio) preparados de antemão²⁹.

preferenciais dos negócios “escravistas” entre índios e comerciantes. O documento do Pe. Zilocchi, citado em nossa introdução a este relato, é uma evidência em favor dessa hipótese.

27 A esta altura, a expedição já se encontrava em território colombiano.

28 A referência à fuga dos Bará diante da chegada dos brancos reforça a idéia de que os grupos, naquele período, estavam em situação de grande temor em relação aos comerciantes, que vinham muitas vezes apresar índios para levar para o trabalho extrativo compulsório (cf. Nimuendaju, [1927] ...).

29 O termo “empresa”, a que o autor se refere, é utilizado no alto rio Negro, até hoje, para uma categoria específica de viagem de exploração extrativa levada a cabo por comerciantes. Aqui fica bem

Estes índios cultivam não só mandioca, como também batatas doces, bananas, inhames e milho, este último em grande quantidade por ser com ele que preparam o mais saboroso caxiri (espécie de aluá). Os índios Barás são regularmente altos e de musculatura hercúlea, são tipos alegres e de caráter audaz, muito serviçais e obedientes aos brancos; é a tribo mais respeitada que existe entre todas que percorremos. Dali nos fizemos acompanhar por dois deles, os quais batizamos com os nomes de Paulino e André, sendo o primeiro muito falado e respeitado em todas as tribos pela sua bravura. Deste índio contaram-me a seguinte ocorrência: quando ele contava uns cinco anos pouco mais ou menos, seu pai enviudara, tendo porém resolvido pouco tempo depois procurar outra mulher³⁰. Dirigiu-se para o Rio Tauanary em busca de uma índia da tribo Caiuary [Kabiyari]³¹, levando por companheiros cinco parentes seus.

A moça como é regra geral tinha que ser agarrada à força, porém como na ocasião do ataque os Caiuaries [Kabiyari] estavam embriagados se opuseram a entregar a moça, travando-se entre vinte e tantos Caiuaries [Kabiyari] e seis Barás renhida luta corpo a corpo³², de cujo pugilato, recebeu um grande golpe de Cuidarú (Cacete pesadíssimo que forma em uma das extremidades duas faces cortantes) na parte superior da cabeça, de cujo golpe não pode defender-se por ter ambas as mãos ocupadas em segurar a noiva. Ainda desta vez os Barás foram vitoriosos, pois apesar dos muitos ferimentos que receberam e que infligiram, nem por isso deixaram de levar a Diva. Na noite deste dia porém, quando dormiam na Montanha da Travessia para o Pira-paraná (Rio do peixe) o pai de Paulino faleceu vitimado por grande hemorragia proveniente da cabeça; a noiva porém não perdeu-se, porquanto um primo do morto, que era solteiro, apossou-se dela, e ainda existem, possuidores de grande prole. Entretanto Paulino pouco a pouco crescia, ouvindo sempre os seus maiores

claro que os índios já tinham plena consciência do significado de tais “empresas” para as suas filhas jovens, para as quais já tinham os “tapiris” previamente construídos na mata.

³⁰ Este fato, provavelmente, ocorreu nos primeiros anos do século XX.

³¹ Como vimos, os Kabiyari são os únicos índios de fala Aruak habitando a região percorrida pelo autor.

³² O rapto simulado da noiva é um hábito corriqueiro entre os índios do rio Negro, sejam eles Tukano, Aruak ou Maku. Há uma aceitação tácita, por parte dos parentes da noiva, embora eles demonstrem titualmente que estão furiosos com o raptor e declarem em alto e bom som que o mesmo terá de pagar pela mulher que roubou. O pagamento, em geral, assume a forma de algum trabalho para o sogro, na abertura de roças, por exemplo. No caso ora relatado, parece que as coisas não correram muito bem devido à embriaguez dos Kabiyari.

comentarem a grande desgraça, que havia sucedido ao seu progenitor. Quando se considerou já homem e com forças para os embates da noite, construiu uma grande ubá (espécie de canoa) a qual vendeu por intermédio de um Tuiuca, recebendo em pagamento uma arma, um terçado grande e algumas munições.³³ Estava portanto armado o nosso herói; preparou algumas balas, fez experiência com a arma, afiou o seu terçado e depois de tudo isto feito declarou a seus parentes, que ia vingar a morte de seu pai.

O protesto foi geral, respondendo ele que não precisava que ninguém o acompanhasse, pois com as armas que possuía, ele só era suficiente para por em prática o seu plano. Os parentes se esforçaram em dissuadí-lo, tendo ele aparentemente acedido, porém um belo dia o herói anoiteceu mas não amanheceu. Mais de uma semana os seus estiveram em pesquisas, indagando do seu paradeiro pelas vizinhanças, porém tudo foi baldado. Lembraram-se então de que Paulino, sem dúvida alguma, tinha ido fazer-se sacrificar pelos Cuiariys [Kabiyari], como tinha sido sacrificado seu pai; mas foi tudo ao contrário, o nosso herói sulcou só o Pirapará acima, fez a travessia por terra para o Canauary [Cananari] e em pleno dia atacou a maloca dos assassinos de seu pai, chegou dissimuladamente, reconheceu bem o Índio que havia ferido seu progenitor e disse-lhe sem rodeios: “Sou filho do Gavião (nome do morto) e vim matar-te para vingar a sua morte”. E em seguida à advertência executou o seu intento, desfechando um tiro no desgraçado Índio, que o prostrou por terra morto e ameaçando os restantes com a arma descarregada, carregou-a com toda a calma e desta forma matou sucessivamente o 2º, 3º e 4º. Como se aborreceu da morosidade do trabalho, resolveu abater o 5º e o 6º a golpes de terçado. Já satisfeito da sua vingança saqueou a casa, levando como despojos de guerra tudo que os Cuiariys [Kabiyari] tinham de mais precioso como: Cangataras, lindos Murucús e Gararatamos, pedras mármores, etc³⁴. Sobrecarregado com os

³³ É curioso observar que ele tenha vendido a ubá por intermédio de um Tuyuka, pois os homens deste grupo indígena são conhecidos como os melhores fabricantes de embarcações, sendo que a canoa é a *pièce de résistance* dos Tuyuka no intenso comércio intertribal que caracteriza as relações entre os povos indígenas do Noroeste Amazônico. É possível então que os Tuyuka, além de fabricarem as canoas, se apresentassem também como intermediários: a fama de melhores fabricantes talvez lhes garantisse melhores preços.

³⁴ Atavios tradicionais dos índios de fala Tukano. As referidas pedras são provavelmente aquelas que os chefes trazem atadas ao pescoço, feitas não de mármore, mas de cristal de quartzo leitoso. Se assim for, trata-se de uma grande ousadia por parte de Paulino, pois essas pedras passam de pai para filho e

troféus da sua vitória regressou para o meio dos seus. O Tuxaua da sua tribo, quando teve a certeza de sua audaciosa viagem, arregimentou grande número de seus vassallos e seguiu em sua procura, isto, mais de uma semana depois, não com esperanças de encontrá-lo com vida, mas sim para vingarem a sua morte, de que tinham quase plena certeza. Porém qual não foi a sua surpresa, quando cinco dias depois de estarem viajando, o encontraram muito tranqüilo, baixando o rio Pira-paraná em uma pequena ubá. A alegria foi indescritível e dali em diante Paulino ficou sendo o índio mais respeitado de sua tribo. Tal era um dos nossos guias e intérpretes. Desse ponto em diante a nossa viagem foi a pé, sendo que partimos de Aracú-Pirera no dia 31 pelas sete horas da manhã. A nossa comitiva compunha-se de 15 brancos e quarenta e tantos índios de diversas tribos na maioria Tucanos; fazia lembrar um batalhão equipado, marchando a um *** (?) de fundo por caminhos sinuosos.

Este primeiro dia de marcha foi um verdadeiro martírio para todos geralmente, pois foi feito com marcha forçada por temermos não alcançar o sítio que nos ficava em frente e que se encontra à margem do Thirury Igarapé, onde só chegamos às 4 horas da tarde. O pessoal estava todo cansado como sempre sucede nos Exércitos no primeiro dia de marcha. Descansamos para refazer as forças e no dia 2 despachamos pelo Thimé Igarapé em canoas, nosso famoso guia Paulino e três outros, sendo um Tucano, um Deçano e um Piratapuio³⁵, conduzindo alguns volumes de menos peso, para de novo nos encontrarmos dias depois à margem direita do Pira-paraná, num dos seus afluentes (Itá Igarapé), seguindo nós as mesmas horas o nosso itinerário. Neste dia alcançamos o Piranga Igarapé (vermelho ou Igarapé Vermelho) à margem do qual encontramos uma grande maloca da tribo Eruria [Taiwano], cercada por um vastíssimo campo de mandioca e algum milho, este já colhido. Aí pernoitamos entre umas duas famílias de Erurias [Taiwano], todo pessoal que ali encontramos, pois os demais tinham ganhado a mata por não termos tido a providência de mandar um guia na frente a avisá-los do intuito da nossa visita por aqueles centros³⁶. No entanto, estes

representam os ancestrais clânicos dos chefes. Roubá-las significa submeter os inimigos a muita humilhação.

³⁵ Subgrupo Tukano. Atualmente se distribuem no Tiquiê, no Papuri e no Uaupés, em ambos os lados da fronteira.

³⁶ Infelizmente o autor não nos diz, claramente, qual era este intuito. De qualquer forma, mais uma vez registra a fuga dos índios quando da chegada da expedição e o grande temor dos que contactaram, “petrificadas”, na maloca

que logramos apanhar em casa e que eram apenas três mulheres, dois homens e um menino, cujo nome (Maijú) não deixei de anotar, apesar de se terem assustado a ponto de parecerem petrificados, tornaram-se por demais comunicativos, logo que conversaram com os nossos intérpretes, os quais lhes ensinaram o modo de cumprimentar, o que eles logo trataram de imitar cumprimentando-nos uns após outros. Em seguida ofereceram-nos beijú de tapioca e cucúpes (fruta cujo feitio e cor se assemelham a uva)³⁷.

A 3 prosseguimos viagem, tendo-nos acompanhado dois Erurios [Taiwano] com suas respectivas mulheres e o pequeno Maijú, que ora andava por si, ora carregado por seus progenitores, que o tratavam com o maior carinho, o que me comovia imensamente. Neste dia chegamos a uma Maloca da tribo Mira-Pirera (Casca de pau)³⁸ à margem do Irary Igarapé, afluente do Piranga Igarapé. Cheguei eu na frente com um grupo de uns quinze homens, entre eles os Erurios [Taiwano] com suas famílias; nessa ocasião já era meu amigo o pequeno Maijú e como eu estivesse a brincar com ele na porta que dava para o caminho pelo qual devíamos seguir, vi de repente aparecer à distância de uns cem metros, numa curva, um homem que, ao me ver, tentou fugir, mas não lhe dei tempo, acenando-lhe com a mão para que se aproximasse. Foi porém de balde; então fiz transmitir por um Eruria [Taiwano] o meu chamado, o que fez com presteza, trazendo para junto de mim o índio, que tremia como varas verdes. Era um velhinho octogenário, a quem logo ofereci cigarros tratando de reanimá-lo. Ele então perguntou aos intérpretes se éramos colombianos; disseram-lhe que não, mas sim brasileiros e seus verdadeiros Tuxauas; com esta certeza o velhinho desapareceu pelo mesmo caminho, voltando momentos depois com a sua velhinha e uma menor³⁹.

Ao regressar informou-se dos nossos guias se os brancos gostavam também de Ipadu e como respondessem afirmativamente o velho munuiu-se de um cesto e dirigiu-se para o roçado a colher a preciosa erva e como o roçado ficasse no caminho por

³⁷ Verificar se cucupes não seria um nome colombiano para bacaba. Caso afirmativo, inserir nota com nome latino.

³⁸ Não encontramos referência a este povo. Trata-se, provavelmente, de mais um caso de etnonímia local ou de generalização de nome clânico.

onde tínhamos passado, ele encontrou-se com Hygino que se havia atrasado por estar com uma perna atacada de reumatismo e Abrahão; cumprimentando-os disse: “Branco, não sou rapaz, mas sim um velho, porém ainda sirvo para alguma coisa, vão andando para casa, que eu já lhes vou preparar Ipadu, pois me disseram que vocês gostam muito”.

Eram mais ou menos duas horas da tarde e como daí a duas horas de viagem havia outro sítio, uns oito companheiros resolveram adiantar viagem, mal sabendo eles que iam cair no foco dos Boia-Ruás⁴⁰, índios estes reconhecidamente perversos. Nós não podíamos continuar, pois Hygino estava completamente impossibilitado de andar mais naquele dia. Chegados os moços a uma roça ali encontraram uma barraca na qual havia uns dez Bóia-Ruás, os quais não os quiseram receber, expulsando-os; foram então os nossos companheiros obrigados a avançar mais uns 500 metros e nessa altura depararam com o igarapé “Água Branca”, à margem oposta do qual, elevava-se uma frondosa árvore sombria, onde estabeleceram seu acampamento. O velhinho chegando do roçado e sendo inteirado da resolução dos moços, disse sem hesitar que eles tinham feito muito mal, pois os Boiás-Ruas eram capazes de matá-los todos durante a noite. Acabando de preparar o Ipadu foi ao encalço dos nossos companheiros, afim de ver se conseguia chegar a tempo de evitar qualquer desgraça; partiu mais ou menos às 4 1/2 hs da tarde com toda sua família. Os Boiá-Ruas assim que expulsaram os nossos companheiros, dirigiram-se para a margem do Pira-Paraná a reunir a parentela; regressaram alta noite à frente de grande guerrilha de índios devidamente armados e tocando seus instrumentos guerreiros. Uns e outros empunhavam maços enormes de flechas de madeira, que são impelidos à mão. Essas flechas eram envenenadas com Hary (veneno extraído de um cipó do mesmo nome, o qual ao menor contato com o sangue produz morte instantânea).⁴¹ Enquanto os outros caminhavam à frente sustentando grandes archotes de Tury (madeira cuja estilha é bastante inflamável) os nossos, que não pregaram olhos toda noite, estavam prontos para vender caro as suas vidas. A nossa salvação foi os do convite guerreiro terem

39 Falar sobre a violência dos colombianos nesse período. Falar sobre “verdadeiros Tuxáuas”. Os brancos eram vistos como super-índios do rio, já que dominavam os índios do rio. Viria isso do hábito tipicamente lusitano de nomear índios?

40 Não encontramos referência a estes índios. Mais um provável caso de heteronímia local ou de generalização de nome clânico.

encontrado antes o nosso velhinho, que em longo discurso, enaltecendo a nossa conduta, apresentou-nos como seus benfeitores, contando-lhes que vínhamos distribuindo saias, facas, anzóis e sal e como prova apresentava-lhes sua mulher que já estava vestida. Fez-lhe ver que éramos brasileiros e não colombianos, que éramos seus verdadeiros tuxauas⁴². Depois desta lógica do nosso bom velho, que por este ato mereceu no dia imediato ser batizado por todos nós com o nome de Salvador, se acalmaram os ânimos e estavam salvos os nossos. Mas isto não impediu que, no dia seguinte, se reproduzisse comigo a cena que se segue: no seguinte dia, depois de Hygino considerar-se um pouco melhor empreendemos de novo viagem, já tendo seguido em nossa frente meia hora antes os nossos dois Erurios [Taiwano]; por certa conveniência acelerei o passo para ver se os alcançava antes da casa dos Bóia-Ruas, porém não me foi possível.

Os índios estavam exaltadíssimos; um dos Erurios [Taiwano] segurou-me por um braço, fazendo-me sinal para que passasse sem entrar; não concordando, encostei meu rifle à parede do lado de fora, e penetrei pela casa a dentro. Nela se achavam uns trinta e tantos índios, sentados em três alas, armados; uns com Cuidarú, outros com flechas de madeira envenenadas e outros, que já tinham trabalhado com os colombianos⁴³; com enormes terçados cuidadosamente afiados. Nem por isso deixei de cumprimentá-los, forçando mesmo alguns a dar-me a mão, quando saí encontrei minha arma na mão de um Erurio o qual entregando-me dirigiu-me um olhar significativo, como me aconselhando a que tomasse cuidado. Hygino e os outros companheiros nada de aparecerem e três Boiás-Ruas estavam tão exaltados, que, supondo eu que eles quizessem espancar os nossos guias, agarrei no braço do mais próximo e coloquei-o ao meu lado. Essa audácia não deixou de produzir o efeito

41 Hari é uma provável referência ao veneno curare, cujo efeito é o mesmo descrito pelo autor.

42 Esta comparação entre brasileiros e colombianos feita pelo velho denota que, para os índios, havia uma distinção de qualidade entre os dois, pelo menos quanto ao nível de violência. O fato dos brasileiros estarem distribuindo bens materiais denota também que ou buscavam estabelecer algum tipo de aliança comercial ou procuravam, pacificamente, reconhecer a área para fins de exploração extrativa posterior, como uma forma de buscar alguma alternativa econômica para a borracha, então em decadência.

43 O fato dos Boia-Ruas já terem trabalhado com os colombianos é importante, eventualmente, para se compreender as razões de encontrarem-se “exaltadíssimos”. É comum na literatura etnográfica encontrar-se casos de índios que já tiveram contato com frentes de expansão e posteriormente se amocambaram, tornando-se hostis devido às brutalidades praticadas pelos “civilizados”. É o caso, por exemplo, dos famosos Maku Guariba (na verdade, Maku Nadöb), habitantes do interflúvio que separa o médio rio Negro do médio rio Japurá.

desejado, pois os índios como que se impressionaram com o meu gesto e foram pouco a pouco se acalmando. Nisto apareceram os nossos companheiros com os intérpretes e com eles Hygino penetrou na casa, ficando eu com os mais, do lado de fora, prontos para intervir. Felizmente depois de breve polêmica estava todo o pessoal transformado em verdadeiros cordeiros, e todos sem exceção, inclusive as mulheres nos acompanharam até uma maloca à margem do Igarapé “Água Branca” onde Hygino vestindo como hábito religioso um comprido camisão ou chambre encarnado batizou-os todos inclusive o nosso conhecido velhinho com o nome de Salvador e o Tuxaua que era um rapaz de seus 18 anos, com o nome de Hygino e assim sucessivamente⁴⁴. Em seguida fez-se distribuir saias para as índias e facas, anzóis, espelhos e algum sal para os índios, os quais depois nos acompanharam até a margem oposta do Pira-Paraná, onde chegamos neste mesmo dia ao porto de uma Maloca ali existente e pertencente ao mesmo pessoal que nos tinha ido esperar para nos atacar. Não nos foi possível visitá-la neste mesmo dia por já ser muito tarde, apesar das repetidas insistências dos índios. Só no dia imediato pudemos satisfazer o seu convite; foram todos desarmados menos eu.

Os índios nos receberam com muita cordialidade, ofereceram-nos uma espécie de rede para nos sentarmos, nos obsequiaram com muita fruta e alguns beijús de tapioca mal feitos. Passamos o dia caçando e pescando, pois já estávamos escassos de víveres. Até este ponto tínhamos transposto imensos matos, enormes caatingas⁴⁵, que terminam sempre em pequenos Caracos (mato baixo e terreno árido) ou grandes capoeiras, sempre à beira de algum igarapé, sinal evidente do lugar já ter sido habitado ou pelo menos já terem existido grandes roçados dos índios.

Também já nos tocou escalar alguns terrenos elevadíssimos, encontrando-se no sopé, ao descer, pequenos regatos de água muito límpida em cuja corrente nadam

44 O batismo feito por Hygino Albuquerque, irmão do temível Manduca Albuquerque, revela não apenas a má fé dos dos comerciantes, dispostos a cooptar índios até mesmo recorrendo ao disfarce. Ele mostra também a complementaridade a que nos referíamos acima, entre a ação missionária e a exploração da mão de obra ou do território indígena pelos comerciantes. Cristianizar os índios é um passo indispensável para submetê-los à exploração ou desprovê-los de suas riquezas naturais.

45 Não confundir com a caatinga do nordeste brasileiro. Trata-se aqui de uma formação florística também conhecida sob o nome de campinarana, que se caracteriza por ser mais baixa que a floresta equatorial típica, além de menos sombria (as árvores não são tão frondosas) e mais “suja” (muitos arbustos, espinheiros, trepadeiras e cipós). A caatinga do rio Negro ou campinarana é uma das características ambientais mais marcantes na região do Noroeste Amazônico.

infinidades de dourados peixinhos. Às vezes porém em vez de regatos, o transeunte tem que transpor pântanos, nos quais muitas vezes se atola até os joelhos ou mais acima se se descuida⁴⁶. No dia 6 descemos o Rio umas duas milhas pouco mais ou menos, em vários cochos; o Tuxaua Hygino ainda nos acompanhou providentemente para nos apresentar a outros índios da sua tribo, que habitavam a uma hora de distância do porto, onde íamos encostar para continuar a nossa viagem por terra; na sua maloca pernoitamos. Os índios deste lugar, a quem o Tuxaua nos apresentou, também nos receberam menos mal, acompanhando-nos dois deles como guias, a mandado do Tuxaua, até a maloca precedente habitada por Erurios [Taiwano], assim como a duas outras que existiam nas imediações.

É inútil dizer que em todas as malocas pelas quais passamos vínhamos batizando desde as crianças recém-nascidas até os velhos de mais de 120 anos, como sucedeu na penúltima maloca, onde encontramos uma velha que, sem exagero, tinha seus 130 anos e que segundo nos informaram estava em pleno gozo de suas faculdades mentais. Tendo Hygino lhe oferecido uma saia para cobrir a sua nudez, ela agradeceu dizendo-lhe que na sua idade, não valia mais a pena, que até aquela data não usara e que a roupa só lhe serviria de estorvo, parecendo-lhe estar continuamente presa. A hilaridade foi geral, continuando a velhinha a relatar-nos fatos de sua mocidade, divertindo-nos a valer.

A 7 de fevereiro achamo-nos no cume de uma enorme serra de onde se descortinava ao longe, no horizonte o magnífico panorama de uma infinidade de cordilheiras azuis formando belíssimos zig-zags, obra prima da natureza. Tivemos doze dias de intensíssimo calor. As cinco da tarde chegamos ao Itá-Igarapé, onde encontramos uma maloca habitada por Erurias; não havia nenhum homem na casa, apenas encontramos cinco índias, as quais não obstante estarem sós, nunca terem visto gente branca e ter sido inesperada a nossa chegada, nem por isso se assustaram, continuando cada qual nos seus afazeres domésticos, olhando-nos com muita naturalidade. Aos nossos intérpretes disseram elas que, se quiséssemos descansar podíamos armar as nossas redes. De fato meia hora depois chegaram três rapazes

⁴⁶ Trata-se do temível chavascal, pântano que ocorre em divisores d'água, em terreno alto, e de onde as águas escorrem para diferentes bacias de drenagem.

entre eles o Tuxaua, cuja idade, não podia exceder de 24 anos e seus dois irmãos que teriam de 16 a 18 anos. Todos três eram três tipos idênticos! três bonitos homens! O Erurio é de cor vermelha como quase geralmente são todos os índios, porém de um vermelho muito acentuado ou cor de canela, notando-se sobretudo uma cútis muito fina e asseada. O rosto é irrepreensivelmente bem feito, adornado de um nariz que despertaria a curiosidade ao mais fino escultor. Neste dia, já quase noite, chegaram 8 Boiá-Ruás trazendo-nos 8 encapadas de farinha. Queriam eles retroceder, precisávamos portanto de igual número de índios para conduzir a família até a margem do Canary. O Tuchaua, que batizamos no dia seguinte com o nome de Manoel, sabedor da necessidade que tínhamos de pessoal, prontificou-se imediatamente a acompanhar-nos, mandando chamar mais uns cinco homens da sua tribo, moradores mais perto, os quais no dia seguinte se apresentaram pelas 7 horas; nesse mesmo dia pernoitamos em Tarira-Igarapé em uma maloca abandonada. (No dia 9 estivemos parados em homenagem ao nosso saudoso amigo Manoel Antônio de Albuquerque; que no ano anterior nessa mesma data, falecia prematuramente)⁴⁷. A 10 estivemos todo o dia perdidos, por terem os nossos guias se adiantado e termos nós tomado caminho diverso, chegando ao meio dia em uma Maloca, onde só encontramos uma criança e uma velha, que nos aconselhou a regressarmos de novo ao nosso ponto de partida e que lá chegados tomássemos o caminho á direita. A 11 transpusemos a serra “Cu do Diabo” e dormimos à margem de um igarapé do mesmo nome. Os sítios daí em diante estão sempre dentro de medonhos e vastíssimos Boqueirões, formadas pelas sucessivas serras que íamos transpondo. Havia três dias que terminara por completo o nosso rancho, deixando-nos reduzidos a farinha e sal. As matas desprovidíssimas de caça a não ser a anta, cuja caça é demorada. Já pela tarde o Fock (cachorro de estimação que nos acompanhava e que depois foi devorado por uma onça em Canauary) nos tirou do aperto, agarrando e matando um grande quaty, com o qual preparamos Santo Banquete. No dia 12 pelas três horas da tarde descemos enfim à margem do Canauary⁴⁸, onde encontramos um sítio dos índios

⁴⁷ Esta informação deixa incontestes a data de morte do famoso comerciante Manoel Albuquerque, o Manduca: dia 9 de fevereiro de 1923. A relação de amizade entre o autor deste relato e o “saudoso” Manduca, mostra como eram intensos os laços entre os funcionários do SPI (aonde trabalhava o Sr. Alcides até há pouco tempo) e os comerciantes que controlavam os índios do alto rio Negro naquele período.

⁴⁸ Trata-se do mesmo rio Tanauary referido anteriormente, e que hoje é chamado de Cananari.

“Cauarys”⁴⁹, porém não estando os donos, não encontramos nenhuma canoa. Era o rio bastante piscoso, tanto que, mesmo por terra, conseguiram os índios moços apanhar alguns peixes, que nos serviram de alimentação; também já era tempo, pois já havia companheiros completamente desanimados. Os Erurios prepararam balsas de talo de buriti para atravessarmos o rio, seguindo um caminho que ia dar em outro sítio de onde nos trouxeram no dia seguinte duas pequenas ubás. Estávamos agora na terra dos Cauarys Tatus, Garavatanas e Samambaias⁵⁰; (também encontramos um barracão dos Snrs. Castrillão Sanches e Cia para onde nos trasladamos. Dali regressou Hygino, ficando eu e Abrahão, encarregados do pessoal, para procedermos a uma exploração de Batata-sal⁵¹, porém os recursos só nos chegaram a 12 de março) foi quando me foi possível despachar Abrahão para o Rio Apaporys, para onde segui em seu encalço no dia 13 de abril, descendo o Canauary, em cuja foz cheguei a 17. Estava portanto no caudaloso Apaporys, terra das Carijonas, Androcks e Guitotos, estes últimos não tive o prazer de ver⁵². Ao sair-se da foz do Canauary avista-se abaixo um meio quilometro, a inexpugnável Cachoeira de Jirygirim, que passa por baixo de uma enorme serra do mesmo nome. O rio que é profundíssimo e mede uns 300 metros pouco mais ou menos de largura, ao passar por baixo da serra não mede mais de 30 metros. O estrondo que produz essa grande massa d’água a passar por tão estreito canal é medonho, porém no cimo da serra torna-se quase imperceptível.

A 18, já noite, cheguei á foz de um enorme lago; adiante havia um porto com algumas canoas de onde parte um caminho; segui por ele durante 1 hora e meia de viagem, acompanhado por uns quatro Tucanos e ali encontramos uma grande Maloca dos Carijonas; havia ali umas trinta almas de ambos os sexos; ficaram um tanto surpreendidos com a nossa chegada, depois porém, vieram cumprimentar-nos um a um. A princípio eu não tinha esperança de entendê-los, porém depois um índio de uns quarenta anos de idade pouco mais ou menos aproximou-se de mim e disse: “bom dia, blanco”. Reanimei-me então, pois o nosso homem compreendia regularmente a

49 Trata-se dos índios Kabiari. Veja nota 15, acima.

50 Veja acima, notas 14 e 17.

51 Verificar o que seria Batata-sal. Aqui, neste comentário, fica patente o objetivo desta expedição, em que o autor deste relato é uma espécie de capataz a serviço de Hygino Albuquerque. Trata-se de uma viagem de exploração de novos produtos extrativos para o comércio dos Albuquerque.

língua de Cervantes, por ter convivido em outros tempos, segundo me explicou (uns cinco anos) com os Colombianos no alto Tiquié⁵³. Entendi-me razoavelmente com eles; venderam-me grande quantidade de peixe, ofereceram-me uns vinte cachos de bananas, das quais só pude aceitar cinco por estarem as canoas muito carregadas.

Convidei-os a ir até o porto; acompanharam-nos quase todos de casa, isto no dia 19; no outro dia dormi em lugar ermo. O mesmo sucedeu nos dias 20, 21 e 22, quando encontrei o segundo sítio, o qual era habitado por Carijonas e Androcks; ao lado havia uma grande roça cultivada só de macaxeiras e bananeiras. Estes índios também cultivam algum tabaco. Os Carijonas foram os primeiros habitantes do rio Tiquié, de onde foram expulsos pelos Tucanos, que lhes fizeram sucessivas guerras, levando-os de vencidas até às margens do Canauary⁵⁴; foram portanto brasileiros expulsos do país, graças à ignorância em que nascem e morrem os seus congêneres. Estes índios habitam na sua maioria os afluentes e confluente do Apaporys, embrenhando-se nas matas.

Dizem que são de má índole, entretanto nos trataram com muita deferência. O seu Tuxaua é atualmente um preto colombiano de nome Pireia; chegou ele há muitos anos naquela região e casando-se com a filha do Tuxaua, por morte deste, ficou sendo o herdeiro da coroa; é hoje possuidor de grande prole; tendo filhos casados e até netos. Este preto tem residência no alto Apaporys e dizem que tem uma regular tendência para a agricultura.

O rio Apaporys cujo estuário prolonga-se até muito no Centro da República Colombiana é bastante rico de madeiras de primeira qualidade, como sejam: o cedro,

⁵² Sobre os Carijonas e Androcks, veja acima notas 18 e 19. O termo Guitoto é uma variação local de Uitoto ou Witoto, cuja língua pertence à família Uitoto. Atualmente não há representantes dessa família lingüística no Brasil. A maioria dos Uitoto vive entre os rios Putumayo e Caquetá, na Colômbia.

⁵³ Referência importante sobre o uso do trabalho de Carijonas, por comerciantes colombianos, no alto Tiquié. Certamente este índio trabalhou na exploração de borracha, ainda quando esta estava no auge, por volta de 1910.

⁵⁴ Informação importante sobre a história indígena do Noroeste amazônico. Segundo Koch-Grünberg (1909-10), Nimuendajú (1927) e Galvão (1961), a região do Noroeste Amazônico foi sendo habitada por três vagas migratórias sucessivas: primeiro havia os Maku, isto é, povos caçadores nômades de cultura rudimentar; após, vieram os Aruak e Tukano, sedentários, agricultores da mandioca e pescadores de cultura bastante elaborada; finalmente, os brancos entraram em cena. Nenhum dos autores citados menciona a presença de Karihonas no rio Tiquié. Nem tampouco tivemos essa notícia em campo, durante nossas várias viagens à região. Tata-se, portanto, de uma informação que merece

itahuba, o pau rosa, o pau amarelo; os seus terrenos adjacentes variam, notando-se em vários lugares terras firmes, de altura respeitável, as quais tem geralmente por continuação inúmeras várzeas riquíssimas de seringais de primeira qualidade. O Rio é muitíssimo piscoso e as matas muito mais de caça, há com abundância mutuns de várias qualidades, cujubins, etc. Os transeuntes naquelas regiões não necessitam levar rancho, pelo contrário, podem variar de comida todas as vezes que lhes apeteecer. Lá também no alto Apaporys há muitos lagos, riquíssimos, não só de peixe, como de aves aquáticas; com o pato real e a marua. No Baixo Apaporys existem as seguintes cachoeiras: Cascelhos, Tatiquieto e Jarijiromo e já muito no alto dizem existir três outras, porém de pouca importância. Do remanso de Cascelhos para baixo abunda muito peixe-boi, pirarucu, e tartaruga e é habitada pelos índios Garavatanas, Jupatys, Taiumbocas e Deçanos.⁵⁵

Os índios, seus hábitos e costumes.

Os Tucanos, Tuiucas, Barás e Androcks têm quase todos os mesmos hábitos e costumes, com diferença apenas que os primeiros já conviveram há muito anos com os brancos e por isso se tem modificado um pouco. Já pelas duas da madrugada estava a maloca em movimento; os nossos rapazes e suas mulheres desceram todos em grupo para o porto a tomar o imprescindível banho, indo depois os velhos.⁵⁶

Como é sabido o índio só se veste enquanto está ao lado do branco, uma vez na maloca o seu elemento é o Cueio (pedaço de pano ou fibra de turury que cobre as partes passando entre as nádegas e é uma espécie de rabicho).⁵⁷ Saem pois das suas malocas com seus cueios e os filhos, que nunca deixam de ter nos braços; a índia sai com as saias na mão e um pote d'água na cabeça, mesmo que tenha hóspedes brancos em casa; aquecem-se uma hora ao calor do fogo e em seguida tratam as mulheres das refeições matutinas. Constam elas de uma infusão de pimenta em grande quantidade

verificação mais cuidadosa, dado que os Karihona são índios de fala Karib, bastante marginais ao complexo cultural formado pelas famílias lingüísticas Aruak, Tukano e Maku no Noroeste Amazônico. ⁵⁵ Veja acima, notas 14, 13, 6 e 16, respectivamente.

⁵⁶ O banho matinal coletivo é uma verdadeira instituição entre os índios do Noroeste Amazônico, sendo praticado até os dias de hoje, mesmo nas aldeias sob forte influência missionária.

em pequena porção de água, à qual dão o nome Quininha-Pira; neste embebem o Curadá (beijú feito de tapioca e massa de mandioca) que comem com avidez; em seguida tomam uma grande cuia de tacacá (mingau de tapioca) sendo essa toda refeição matutina.⁵⁸

Como é sabido, a comida favorita do indígena é o peixe; às seis horas da manhã os homens se dispersam para a pesca e as mulheres para a roça; ao meio dia estão todos de volta. O índio atira-se para dentro de uma rede e dela só se levanta para comer. Se na maloca há 20 homens, todos comem juntos e depois o fazem as mulheres, que após a refeição passam a beneficiar a mandioca que trouxeram da roça. O índio mete-se novamente na rede, dormindo às vezes até em pleno correr da tarde.⁵⁹

Pelas 5 ½ horas já está um preparando o Ipadú; pronto este, formam nova roda, conversando e fumando o buty (Tabaco pilado preparado com rolos que secam ao calor do fogo); esses cigarros de palmo e meio passam de mão em mão e de boca em boca e nessas ocasiões a conversa é animadíssima.

Quase continuamente bebem os índios o caxiri e quando é dia de festa é ele feito em grande quantidade, durando o pagode 2 e mais dias.

Nestes dias os índios se enfeitam com os seus lindos vestuários de penas dando um aspecto do estado maior do Exército em grande gala. As índias despem as vestes que usam (isto é, a saia), e atam uma tanga (curioso tecido de contas com fibra de tucano⁶⁰) para disfarçar a nudez; (isto na tribos mais ou menos civilizadas) quanto ao mais é completa a nudez. Há danças ao compasso dos cantos; formam uma rede, cada

57 Cueio é uma corruptela do termo cueiro, fraldas, forma que o colonizador achou para designar as tangas indígenas. Atualmente, apenas os Maku dos altos rios usam o cueio.

58 Até os dias atuais este é o desjejum dos índios do rio Negro. No entanto, as descrições que seguem dizem muito mais respeito aos Tukano e Aruak do que aos Maku, cuja economia é bem mais centrada na caça do que na pesca e na agricultura da mandioca.

59 A precedência masculina nas refeições comunais é uma prática vigente até os dias de hoje na região. O mesmo se diga sobre o espreguiçar-se na rede enquanto as mulheres trabalham. Porém, essa imagem cotidiana não faz justiça aos esforços exclusivamente masculinos, quando se trata de confeccionar canoas, levantar casas, colher palha para a cobertura das mesmas ou abrir novas roças em plena floresta.

60 Provavelmente o autor quiz se referir à fibra de tucum.

um empunhado em pau, com o qual batem no chão, marcando compasso.⁶¹ Há também danças ao som carisso (instrumento preparado com nove pedaços de taboca fina de diversas grossuras) porém só dançam quatro cavalheiros e quatro damas; nesse instrumento tocam grande variedade de peças. Existe também o Japurutu (instrumento de metro e meio de comprimento, feito de pachiúba fina) ao som do qual podem dançar um ou dois pares enlaçados; nestas condições podem dançar muitos pares e o mais curioso é que cada qual toca peças diferentes e de diferentes compassos; no entanto nunca perdem o passo.⁶² Além desses há vários instrumentos; em todas as tribos que conheço é usado o jurupary (instrumento feito de uma casca de pau muito grossa, com bocal de pachiúba, espécie de porta-voz, cuja tradução é “Diabo”)⁶³ que é a maçonaria dos índios. Este instrumento não pode ser visto pelas mulheres e infeliz daquela que o avistar, pois está irremediavelmente morta, e se a morte não for imediata, será depois por meio de envenenamento. Este instrumento é usado por ocasião dos Dabucurys (festa de frutas, peixe ou caça, em grande quantidade, e que levam de presente a um parente ou amigo), tendo o som parecido com o branido da onça.

Agora vou dar alguns esclarecimentos sobre os casamentos dos índios. Como se sabe os costumes dos índios quer do Caiary⁶⁴, quer dos seus afluentes é sempre o mesmo - o de agarrar a moça à viva força, tirando-a da casa dos pais; para isto formam uma grande tropa, atacando a casa à noite e como mais ou menos sabem onde dorme a pretendida, ficam dois em cada porta da maloca e os mais entram. Dois ou três agarram a moça; agarrada esta, o noivo que fica sempre no meio da maloca fala

61 Trata-se provavelmente do *ahu paww* (em língua Tukano), um tubo de 1,5 m, aproximadamente, feito de embaúba, com o qual os índios do Rio Negro marcam o ritmo de suas danças, especialmente da dança do *caapi waya*. Esta última é executada quando se consome o *caapi*, alucinógeno feito à base do cipó *banisteriopsis caapi*.

62 A observação de que se tocam peças diferentes e de diferentes compassos se deve provavelmente à ignorância do autor sobre a música nativa. Na verdade, sob uma aparente simplicidade melódica e uma reduzida escala musical (composta de cinco tons), esconde-se uma complexa técnica de contrapontos.

63 Jurupari é uma palavra da língua geral. O nome em língua Tukano é *wakti*. Designa ao mesmo tempo um instrumento musical, uma figura mítica e um ritual de iniciação masculina. O instrumento é como descreve o autor. A figura mítica é o herói que ensinou a arte das flautas sagradas aos homens, mediante a qual eles lograram subjugar as mulheres à vontade masculina. O ritual representa a autoridade masculina sobre as mulheres, razão pela qual elas não podem ver as flautas. A tradução de Jurupari por “diabo” fica por conta da influência dos missionários carmelitas e capuchinhos nos séculos XVIII e XIX. Mais tarde, os salesianos iriam reforçar essa falsa interpretação, a fim de coibir o rito autóctone e impor a fé cristã.

64 Cayari, nome com que os índios costumam designar o rio Uaupés, é uma palavra de origem Aruak.

aos pais, dizendo vir buscar sua filha para ser sua mulher. Há renhida polêmica e às vezes até pugilato, porém o noivo sai quase sempre vitorioso.⁶⁵ Os índios nunca se juntam com índias da mesma tribo, mas não é só isto, o noivo mais tarde tem que dar uma sua irmã ou prima em lugar da índia que levou, para ser mulher de um seu cunhado ou de um parente mais chegado de sua mulher, é esta uma dívida sagrada e se não a cumprem a índia tem que ser devolvida, ainda mesmo que seja um ou dois anos depois.⁶⁶

Fui testemunha ocular de uma dessas cenas. Tendo os índios da tribo Tucano levado da casa do Tuxaua Miguel de Tucano Cachoeira, no rio Tiquié, duas índias Tucanas há quase dois anos, agora na minha última estadia naquele rio, o mesmo Tuxaua seguiu para a zona dos Tuiuca a buscar as duas raparigas que lhe deviam dar em troca e como os Tuiucas não tivessem cumprido o seu dever, encontrei-o rio abaixo, trazendo as suas parentes reavidas, no meio da escolta.⁶⁷ Difere muito neste ponto o uso dos Androcks, desde que um índio pretenda uma índia de outra tribo, faz ciente ao seu progenitor e até ao Tuxaua que os governa, este então nomeia uma comissão composta de três ou quatro famílias parentes do noivo e dirigem-se à casa dos pais da noiva, afim de fazerem o pedido. Desde que este seja aceito por unanimidade, marcam o prazo para a celebração do casamento. Os pais do noivo preparam uma grande festa; convidam novamente os parentes e a comissão para irem em busca da noiva, sendo o regresso sempre à tarde. Os que ficam, assim que vêm aproximar-se a comitiva, acendem uma grande fogueira no centro de um pátio muito

65 A respeito do rapto da noiva, veja acima, nota 32. A cena que o autor acaba de descrever mostra que se trata sobretudo de um rapto ritual, havendo tacitamente a aceitação dos parentes da noiva.

66 Para interpretar corretamente essas afirmações sobre o casamento indígena, é preciso fornecer algumas informações sobre o sistema de parentesco vigente entre os índios ribeirinhos do rio Negro. Como vimos, eles se dividem em uma série de etnias (no relato, chamadas de tribos), entre as quais as mais conhecidas são os Tukano propriamente ditos (Dahséa) e os Desana. Cada uma dessas etnias constitui uma unidade exogâmica, de modo que os homens Tukano se casam com mulheres Desana e os homens Desana se casam com mulheres Tukano. O casamento é patrilocal, de modo que a esposa sempre aprende a língua do marido. A descendência é patrilinear, de modo que os filhos pertencem à etnia do pai e adotam a língua dele como língua oficial, embora possam aprender a língua materna. O casamento ideal é o casamento resultante da troca de irmãs: um Tukano, por exemplo, recebendo de seus “cunhados” Desana uma mulher em casamento, fica obrigado a ceder-lhes uma irmã (real ou classificatória) em troca. A terminologia de parentesco é do tipo Dravidiano. Sendo assim, casam-se os primos cruzados e excluem-se do casamento os primos paralelos. A prima a que se refere o autor é, portanto, uma prima paralela.

67 O exemplo fornecido pelo autor contém uma incoerência, pois segundo a regra, os Tukano não se casam com mulheres Tukano. Provavelmente, ele quis dizer o seguinte: “Tendo os índios da tribo Tuyuka levado da casa do Tuxaua Miguel” etc.

limpo e espaçoso, onde a noiva é vestida com uma rica toaleta de penas de pássaros de diversas cores, ficando coberta dos pés a cabeça. Feito isto formam os Tuchauas uma ala separada e assim suas mulheres e os demais índios e índias menores formam sucessivos grupos, sempre em fila, cercando desse modo a fogueira; os noivos ficam no centro. O Tuxaua depois dá ordem que todos entoem um certo canto, acompanhado por maracás (pequena cabaça cheia de grãos) e a passos cadenciados os noivos dão três voltas à fogueira e está celebrado o casamento.⁶⁸

Terminado o ato, distribuem em profusão as bebidas e o Ipadú, seguindo-se depois as danças. É assim que realizam legalmente um casamento, os índios Androcks.

Os índios e suas inaugurações.

Agora em minha última estadia no Rio Tiquié assisti a uma inauguração de uma maloca, acabada de construir. Como é sabido, estas sempre são grandes e habitadas por muitas famílias, as quais preparam em separado uma certa quantidade de caxiri. O verdadeiro chefe da casa ou Tuxaua distribui os convites entre seus parentes e desde as duas horas da madrugada do dia da inauguração tocam um tambor⁶⁹ num compasso terrível, acompanhado por gaitas de osso da perna do veado e por um com-com, que tiram esfregando um lado da mão contra o casco de Jabuty. Pela manhã cortam todas as pontas das palhas que servem de parede; na frente da casa, ateiam uma fogueira no meio da maloca, cujo fogo ao inflamar-se é abafado por nova remessa de pontas de palhas, que formam uma fumaceira medonha, deixando a casa quase em trevas.

Então os rapazes, segurando em balaios e Urupembas, que deixam no pátio enfileirados, entram por uma porta e saem pela outra em desenfreada carreira, pondo, segundo dizem, a fumaça para fora. Os meninos tomam também parte na brincadeira, fazendo grande algazarra, atropelando-se uns aos outros e rolando pelo chão, debaixo

⁶⁸ Infelizmente, o autor só fornece dados sobre o processo ritual do casamento entre os Androcks, de modo que não podemos saber, em termos de regras, em que o casamento Androk difere do casamento entre os demais índios da região.

⁶⁹ Este tambor é denominado de *trocana*, cuja utilidade, entre outras, era o de anunciar o início de algum ritual que envolvesse a população de malocas próximas, que, ao ouvirem o sinal, reuniam-se no sítio dos anfitriões.

de um coro de risos. À noite dançam, embriagam-se e comem em grandes quantidades o Ipadu, fumando o Buty.

Rivalidade de raças.

Entre os índios existe uma grande rivalidade; todas as tribos querem ser superiores às outras; a esse respeito não posso emitir opinião, só o que posso afirmar é que nos tempos coloniais os Portugueses conquistaram todo o rio Negro e seus afluentes, menos o Caiary, que foi defendido pelos Tucanos e Piratapuias com rara e eficaz tenacidade; cabe portanto a estas duas raças a gloria, que os seus antepassados conquistaram em troca de seu próprio sangue.

Caráter e físico dos índios das diversas tribos.

Os Barás, como já tive ocasião de referir-me no correr desta minha rude narração, são de construção hercúlea, e o caráter pouco amável à primeira vista, porém com a continuação da convivência, reconhece-se neles, homens humildes e muito serviçais, ao passo que os Erurios [Taiwano] são expansivos, alegres, não se podendo notar nesta raça nenhum indício de má índole.

Os Boiá-Ruas são os índios mais musculosos que conheci, são desconfiados por natureza. Os Jupaty e Garavatanas são de mediana estatura e dizem serem os mais sanguinários depois dos Tatís e Carijonas, sendo que estes últimos consta serem ainda antropófagos, assim como os Androcks.

Quanto aos Samambaias são tipos idênticos aos Erurios [Taiwano]. Em suas casas são sumamente agradáveis. Quatro desses índios, rapazes moços, abalaram-se a quatro dias de viagem, só com o fim de me conhecerem; queriam ver como era um branco brasileiro, posto que também eles se considerem brasileiros, como dizem todos, à exceção dos Carijonas e Androcks, por já conviverem há muitos anos com os colombianos.

Os índios e seus distintivos.

Todos os índios, desde os Barás até os Canarys e desde estes até os Androcks, têm como distintivos as orelhas e o nariz furados, sendo que as índias só furam o

nariz. Nas orelhas usam um pedaço de flecha de uma três polegadas de comprimento, cuja extremidade enfeitam com penas de pássaros; no nariz usam um pedaço de pau de um palmo de comprido, por um centímetro de diâmetro; o mesmo usam as índias. Muitos desses índios usam cabelos crescidos como os das mulheres, torcendo-os muito bem e prendendo-os com fibra de Ivira (espécie de um molho de tabaco).

Termino esta descrição fazendo votos que os abnegados lutadores em prol da santa causa da grandiosa obra do venerando Dom Bosco, cheguem mais tarde a atingir com sua proteção tantos infelizes, que até agora só tem tido por berço e túmulo as selvas, morrendo na mais completa ignorância do resto do mundo.

(amz) Alcides Castro Rocha.